

## **O Papagaio Ilustrado – lição e exemplo na ficção barroca**

SARA AUGUSTO

### **RESUMO**

*Aves Ilustradas*, de Soror Maria do Céu, obra impressa em 1734, é constituída por um conjunto de discursos, em que catorze aves pronunciam avisos para as religiosas que se ocupavam dos respectivos ofícios nos seus mosteiros. A obra representa um dos melhores exemplos na literatura portuguesa da utilização da fábula com intuito didático, no âmbito da tradição alegórica, recuperada da literatura clássica e da literatura medieval pela literatura alegórica barroca, num contexto de reiteração do binómio horaciano *prodesse e delectare*.

### **ABSTRACT**

*Aves Ilustradas*, written by Soror Maria do Céu and printed in 1734, presents a group of speeches, in which fourteen birds provide information to the religious sisters of the monasteries. This literary work represents one of the best examples in Portuguese literature of the use of the fable as a didactical means, and of the allegorical tradition recovered from Classical and Medieval literature by the Baroque allegorical literature, in a reiteration context of the Horatian principle *prodesse and delectare*.

“Chegou um dia, em que falaram os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens, que falaram como brutos: houve uma hora, em que as aves mostraram mais liberdade nos bicos do que nas asas; com estas cortam o ar, com estes ensinam agora aos racionais; ilustradas pela águia sua Rainha, que bebe luzes na esfera do Sol, se atreveram a dar documentos aos homens; começaram a missão pelos claustros, que aonde são mais obrigatórias as virtudes, estão mais importantes os avisos, e nestes não se deve olhar a quem os dá, mas só ao que são.”

(Soror Maria do Céu, 1734: 1)

“Os papagaios nesta terra são infinitos, mais que gralhas, zorzais, estorninhos, nem pardais de Espanha, e assi fazem gralhada como os sobreditos pássaros; destroem as milhares; sempre andam em bandos, e são tantos que há Ilhas onde são [sic] há mais que papagaios; comem-se e é boa carne, são de ordinário muito formosos e de muito varias cores, e varias espécies, e quasi todos falam, se os ensinam.”

(Cardim, 1980: 32)

### 1.

A obra de Soror Maria do Céu, *Aves Ilustradas*, publicada em Lisboa, por Miguel Rodrigues, em 1734, constitui um fabulário cuja principal virtude, claramente enunciada na folha de rosto, seria constituir um conjunto de “avisos para as Religiosas servirem os officios dos seus Mosteiros”, preocupação razoável para uma religiosa que até esta data fora por duas vezes abadessa do convento da Esperança de Lisboa.

O valor edificante dos seus livros já era conhecido e cada obra merecia a constante aprovação dos censores. A construção de as *Aves Ilustradas*, obra constituída por um conjunto de catorze discursos, obedece a uma das vertentes mais didáticas do texto alegórico, a fábula; em cada discurso, catorze aves distintas constituem-se como narradoras e como vozes pronuncadoras de conselhos e de avisos destinados a cada função desempenhada no mosteiro.



**I N D E X**

DOS DISCURSOS, DE QUE  
se compoem este livro.

I.  *Pavaõ á Prelada.*  
 II. *A Andorinha á Vigaria da Casa.*  
 III. *A Chamariz á Vigaria do Cora.*  
 IV. *O Pintafrego á Mestra das Noviças.*  
 V. *O Pardal á Madre das Confissoens.*  
 VI. *O Roxinol ás Sacristaus.*  
 VII. *O Gallo á Porteira.*  
 VIII. *O Papagayo á Rodeira.*  
 IX. *A Pega á Escrivã.*  
 X. *A Rolla á Celleireira.*  
 XI. *O Ganso á Provisora.*  
 XII. *A Pomba á Enfermeira.*  
 XIII. *A Cegonha á Refeitoreira.*  
 XIV. *A Coruja á Roupeira.*

Ilustração 1: *Aves Ilustradas*, fl. 3v

Sobre a qualidade do estilo e da utilidade dos discursos pronunciaram-se favoravelmente os censores. O Padre Mestre António dos Reis, da Congregação do Oratório, afirma que o volume “está cheio de dictames tão santos, e escrito com tanta discrição e piedade” e o Censor do Paço, Frei Manuel de Sá, afirma que se trata de uma “obra útil, deleitavel e benemérta”, escrita com singular estilo e elegância<sup>1</sup>. Estas referências, usuais no contexto desta literatura conventual de carácter edificante, provam como os textos cumpriam de forma exemplar o antigo preceito horaciano do *prodesse et delectare*. Se na literatura barroca a agradabilidade do texto tendeu a

<sup>1</sup> Frei Manuel de Sá faz um rasgado elogio a Soror Maria do Céu, destacando sobretudo o seu vasto caudal de conhecimentos: “Neles, e neste mostra esta douta e exemplarissima Autora o quanto é versada na lição e estudo das letras divinas e profanas, e que a grande e profunda vastidão de noticias e erudições, adquiridas de ambas, com que exorna as suas elevadissimas idéas, a energia e suavidade do dizer, com que dá alma ao seu singular estilo; a elegancia e dom de clareza, com que exprime as suas persuasões devotas; e melodia e facundia, com que anima de espiritos canoros os seus versos”, *Aves Ilustradas*, fls. 2-3, Censura do Paço.

ocupar a preocupação dos escritores, favorecida pela imaginação e pela fantasia, neste contexto de uma literatura edificante, o deleite da leitura justificava-se plenamente pela persuasão, pela motivação e pela adesão à doutrina que se apresentava.

## 2.

A fábula foi usada recorrentemente por Soror Maria do Céu na estruturação das suas narrativas, constituindo também um dos motivos de reflexão levantados pela leitura da novela *Agravo e desagravo da Misericórdia*, até hoje inédita, atribuída na folha de rosto do manuscrito a Soror Maria do Céu<sup>2</sup>. Nesta narrativa dos catorze dias em que Floriteia, presa na floresta e sem voz, se penitenciou da forma imponderada como tinha posto em causa o merecimento das obras de misericórdia, a natureza envolvente foi pretexto para lição e exemplo constantes. Depois da surpresa de se ver naquela situação desesperada, apesar de fidalga e formosa, e de em vão se lamentar, no terceiro dia da sua provação Floriteia começou a prestar atenção aos bichos e às plantas que a rodeavam:

“(...) ficava defronte de Florithea uma morteira namorando os Zefiros com as suas flores, cujo mimo as deixa apenas tocadas, quando perdidas; e as abelhas oficiosas andavam a chupar aquele ambar silvestre para tempero da sua misteriosa iguaria: via a triste solitaria aquela xarifa planta, significativa da dor; aquelas simi avezinhas substitutas das flechas, e numa e outra coisa encontrava os trespassos do seu animo as dores do seu coração, e nada via, em que se lhe não representassem as suas magoas.

Tem os olhos de um triste alguma semelhança com os do Basalisco; estes matam com a peçonha, aqueles com o pesar; uns o ser dos viventes enchendo-os de veneno, outros a propriedade das cousas vestindo-as de melancolia, cuja transmutação estava naquela selva para Florithea, não para os outros: applicava ela o ouvido, dilatava a vista, e só não podia estender a voz; e ainda que sentiu gente, foi tanto ao longe, que mal percebia os ecos, cujo escasso ruído, apenas era alvoroço, quando se tornava desengano.” (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 26-26v)

---

<sup>2</sup> A atribuição desta novela a Soror Maria do Céu ainda não foi comprovada. Sobre este assunto, cfr. Sara Augusto, “*Agravos e desagravos da Misericórdia: ficção barroca*”, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1<sup>er</sup> Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2000: 315-322; *Idem*, “Os desagravos de Floriteia e as história de Gambo e Tupinda”, *Máthesis*, Viseu, 9, 2000: 85-103.

Os episódios a seguir transcritos foram retirados de vários outros “dias”, durante os quais se cumpriu o castigo de Floriteia.

Dia Quinto

“Ficava a Florithea vizinha ãa Arvore aonde tinha uma cegonha o seu ninho, e naquela bruta tarefa em que a Ave abrigava e alimentava os filhos, divertia a dama os olhos e lastimava o pensamento na consideração de quam falta se via de tudo, sem haver a quem devesse o que aqueles irracionaisinhos logravam, que foram logo assumpto da sua compaixão, se antes da sua enveja: quando um minhoto, voando cruel ao ninho, devorou um, e fizera o mesmo a todos, se não chegara a cegonha, com que fugiu o delinquente, sem mais castigo, que não poder acrescentar o numero ao delito (assim sucede muitas vezes, quando é remissa a justiça, quando é diligente o culpado)”. (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 48v-49)

Dia Sétimo

“(…) quando Florithea com mais viva guerra já se feria nos cuidados, já se traspassava nos pensamentos, e talvez ficava morta na desesperação, que a quem falta a conformidade no infortunio não vive para a razão, ainda que dure para o sentimento: divertiam este muitas vezes descuidadas atenções, talvez em objectos de aves, e tal em assumpto de brutos de outra especie, como agora a travessa inquietação de uma cabra, que soltando pelo mato, atrependo por alguns castanheiros ameaçavam os armados frutos com os rudos dentes; mas ferida a boca nos espinhos punsantes, rejeitava a dor, quando buscara o apetite; assim a castanha sabe defender-se, e por isso casta; e assim as cabras desgarradas do seu pastor, ensinavam os perigos dos desobedientes, quando fogem às leis de quem os guia”. (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 75v-76)

Dia Oitavo

“Com as [luzes] do novo dia se achava Florithea tão triste, mas menos temerosa; ouvia por uma parte o canto importuno das arrãs, via noutra o quieto silencio dos caracois; elas palreiras, e eles mudos; os caracois deixando prateadas as areas com o seu rasto; as arrãs desasseadas as flores com o seu lodo; de quem cala sempre são preciosas as obras, de quem fala muito enxovalados os louvores; nestes objectos se se não divertia, se descuidava, que o pensamento vai-se atrás dos olhos, mas ali era a furto dos cuidados, que logo tornavam a prendê-lo com grilhão de ouro, quando conforme, de ferro quando impaciente”. (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 86-86v)

Dia Décimo

“A dama, que com o disvelo da noite padecia os efeitos dela, se fechava os olhos, era de cansada, se os abria de chorosa, e pondo-os acaso em um medronheiro, cujos corais se enfiavam nos raios do sol, viu tão bem junto a ele um carvalho, de cujos cachinhos parece tinha feito amando-lhos a natureza: estavam os medronhos mui desvanecidos com a sua fermosura, os bugalhos mui corridos da sua fealdade; eram em fim o mimo da selva uns, o desprezo outros, quando as aves chegando ao medronheiro começaram a disfigurar-lhe a lindeza dos frutos com a polisina dos bicos, ficando então zombando os bugalhos dos desvanecimentos dos medronhos, e com a sua

figura inteira, ainda que tosca, (que assi muitas vezes a beleza é felicidade, e infelice por arriscada, quando a fealdade, sorte segura por esquecida”. (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 111v-112)

Dia Undécimo

“(…) sucedia quando despertava do letargo das suas penas, divertir-se na vista de qualquer minimo objecto que se lhe oferecia, como então na ordenada companhia de numerosas formigas que caminhando para a sua morada, levavam a enselear a provisão necessaria para o futuro sustento, dando lições de prudencia nesta cautela ao descuido de muitos que desperdiçam no tempo proximo o que lhe vem a fazer falta no vindouro. Ali no extinto destes animalinhos estava vendo não só o acerto deste cuidado, mas a discreta ordem de que poderão tomar documentos muitos racionais: eles se ajudam fieis uns aos outros, quando se um não pode levar a carga que lhe toca; eles se acompanham amigos correndo iguais pela mesma carreira; eles mostram caridade piedosa acudindo os vivos ao enterro dos mortos: são em fim as formigas tão sabias na forma da sua republica, que há Autores que dizem tem seu modo de Religião guardando nela certos dias de festa, e ainda que seja mais facil de contar, que de crer, é com tudo argumento da estimação que se faz dos seus usos esta opinião deles”. (*Agravo e desagravo da Misericórdia*, fls. 130-130v)

Cada um dos curtos episódios constitui uma pequena fábula: o comportamento dos animais ou determinada característica das plantas serve de exercício de meditação, resultando em inesperadas analogias, num tom sentencioso e na respectiva lição. De todos os modos, e da forma mais difícil, Floriteia aprendeu o comportamento adequado ao recato de uma jovem donzela. Depois dos catorze dias de reclusão, das personagens e das suas histórias, que evoluíram pela floresta, justificando a validade das obras de misericórdia e o mérito de quem as cumpria, Floriteia cresceu com a sua experiência de dor, reconhecendo a sua imponderação. A novela termina de forma edificante, com o casamento de Floriteia com o piedoso Rosiclоро.

Esta longa novela, na sua complexidade e multiplicidade de narradores intradiegticos, espaços e tempos narrativos, contrasta com algumas das composições mais curtas de Soror Maria do Céu, reunidas em *Obras Várias e Admiráveis* e publicadas pela diligência do Padre Francisco da Costa, em 1735<sup>3</sup>. No prólogo e nas licenças do Santo Officio, do Ordinário e do Paço, repete-se a mesma ideia sobre a eficácia da produção literária de Soror Maria do Céu, unindo o divertimento ao proveito, a variedade à doutrina, a graça à devoção.

---

<sup>3</sup> *Obras Varias e Admiraveis da Madre Reverendissima Maria do Ceu*, Lisboa Ocidental, por João Rodrigues de Carvalho, 1735.

Desta obra, vária e admirável, fazem parte as “Metaforas das Flores, Moralizadas em documentos mui proveitosos” e os “Apologos de algumas pedras preciosas, moralizadas com doutrinas proveitosas”, a que se juntam a vida de Santa Petronilha, em “metáfora poetica”, e mais dois exercícios metafóricos sobre frutas, “Ginja única furtada, e moralizada” e “Damasco único e também furtado”. A estrutura das metáforas e dos apólogos repete-se de exercício para exercício, cada um composto por uma narrativa ficcionada, de carácter alegórico, que, num segundo passo, vê desvendado o seu significado numa “moralidade”. Deste modo, ao gosto barroco pelas analogias, multiplicadas em cada pequena história, se associa o cuidado doutrinário e de edificação moral. Transcrevemos apenas uma metáfora, a primeira, que toma a rosa como motivo, para exemplificação deste procedimento:

“Metafora I

Estava a Rosa, vestida de purpura, em trono de esmeralda, com guarda de espinhos, lisonjas de Zefiros, musicas de aves, quando chegaram as flores a pedir-lhe audiencia; concedida, lhe deram um memorial por acção do Cravo parente seu; sua petição era que se servisse sua Magestade Rosalina de repartir por todas as flores de sua vassalagem os Titulos, que enobrecem uma Corte, pois assim dava a elas o lustre, que se lhes devia, e à sua Coroa o esmalte, que lhe faltava: ouviu a Rosa o memorial, e prompta a responder, pedindo papel à Açucena, pena a um Rouxinol, escreveu e mandou ler por uma campainha o despacho seguinte.

A Rosa Rainha das flores, a Rosa Princesa do prado, a Rosa Duquesa do vale, a Rosa Marquesa do monte, a Rosa Baronesa do bosque, a Rosa Condessa do jardim, Senhora do nacar, Adiantada das fragancias, Almiranta dos espinhos. Ouvida a final sentença, ficaram as flores brancas mais desmaiadas, as rubicundas mais acesas; porém sem replica, porque com temor, a tempo que uma mão vivente cortou subita a Rosa, castigando sua soberba com sua ruina.

Moralidade:

É esta Rosa jeroglífico<sup>4</sup> dos soberbos poderosos, que arrebatam para si até as honras que se devem aos mais, não repartem os bens propios, e vinculam-se os alheios, tudo olham como tributo seu, assim se estendem ao que é de outrem, até que vem a morte significada naquela mão, e lhes faz perder em um instante o negocio de toda a vida. Oh grande! Oh poderoso! Reparte de tua honra com os pequenos, toma exemplo em Deus, que sendo o que é, nos deu na criação o titulo de filhos, na Encarnação titulo de irmãos, no

---

<sup>4</sup> A utilização do termo “hieróglifo”, para designar a analogia, paralelamente aos termos metáfora, símbolo e figuração, manteve-se desde o século XVI, quando se intensificou o interesse pela escrita hieroglífica dos egípcios, em que as ideias, palavras ou letras, eram representadas por imagens.

Sacramento título de deuses, fazendo-nos um consigo; e assim se não ficou com sua grandeza maior, porque é infinita, ficou mais estendida por comunicada: torno a bradar, que faças como Deus, porque te arrebatará o premio para o Ceu, e não a mão da morte para o Inferno”. (*Obras Várias*, fls. 1-3)

### 3.

Nas *Aves Ilustradas*, Soror Maria do Céu recorreu ao próprio discurso das aves, acabando por compor, em catorze discursos, um elenco considerável de princípios que deviam nortear a vida religiosa num mosteiro. A estrutura das catorze partes é semelhante, seguindo um roteiro estabelecido por entre os avisos às religiosas, distribuídas pelas suas diversas funções, e os casos, sucessos, histórias, contos, por um lado, e ficções, fábulas e apólogos, por outro, funcionando qualquer um deles como exemplo de um comportamento a seguir.

O Discurso VIII, intitulado “O Papagaio à Rodeira”, introduz como narrador privilegiado a única ave exótica de todo o elenco das aves convocadas à ilustração. Esta opção, já distante do intuito descritivo da literatura de informação e de viagem, recupera uma longa e antiga tradição de utilização iconográfica, literária e artística. Mas o contexto em que se desenvolve a sua presença e o seu discurso é o da colónia brasileira, onde, para além do exotismo da natureza e dos indígenas, se refere a exploração aurífera, motivo de constante fascínio e ambição, aspecto reforçado pelas obras de carácter moral da época<sup>5</sup>.

O papagaio, ave ilustrada, de Soror Maria do Céu, surge agora como motivo literário dentro da ficção barroca, uma ficção moralizante que, desenvolvendo metáforas e antíteses, construiu variadas e fantasiosas alegorias. Motivo principal da fábula, este papagaio é a voz da edificação moral, participando de uma estratégia de sedução pelo exótico e pela visão de terras distantes.

---

<sup>5</sup> *O Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira (1725-1733), é um dos exemplos mais marcantes da literatura escrita no Brasil no período barroco. A par de uma natureza esplendorosa, espelho da imagem divina, a visão do homem apresenta-se profundamente negativa, marcada pelos pecados do orgulho e da ambição.



Ilustração 2: Painele de azulejo do século XVII,  
Museu Nacional de Lamego

#### 4.

A escolha de um papagaio, ave ruidosa e inquieta, para pronunciar um discurso didáctico sobre as funções da rodeira revela uma opção, no mínimo insólita, uma vez que avisa sobre a necessidade do silêncio e da discrição, qualidades indispensáveis na guarda da “roda”<sup>6</sup>. Aliás, é o próprio papagaio, “um daqueles pássaros, que ao campo furtaram o verde, às rosas o encarnado, e ao homem a voz” (*Aves Ilustradas*, 88), que começa logo por repreender a rodeira, que insistia em ouvi-lo falar:

“Aqui (...) na roda, senhora, não serve quem fala como papagaio (...). Papagaio, que grita, papagaio que fala, papagaio que inquieta, não é para aqui, aonde se há de saber que só há pé para servir, e não há voz por conversar”. (*Aves Ilustradas*, 88)

Logo deixa um primeiro conselho à rodeira:

---

<sup>6</sup> As rodas consistiam nuns cilindros giratórios, abertos num lado e colocados verticalmente nas portarias dos conventos, a fim de se receberem ali objectos, sem haver contacto directo com o exterior, onde começaram a ser abandonadas as crianças a partir do século XVI. Situada em lugar discreto, deveria haver sempre uma rodeira, dia e noite, pronta a receber os expostos.

“Da roda para fora haveis de falar pouco, e deixar falar menos; não vos fieis no vosso entendimento, que não sabe mais a que melhor fala, senão a que fala aonde se há de falar; há lugares, em que a menos ladina fica a mais discreta”. (*Aves Ilustradas*, 89)

Como exemplo prático, conta com elegância e gosto a fábula do “papagaio que falava muito” (*Aves Ilustradas*, 89). O início da história é fundamental pela ligação estabelecida entre o narrador e o espaço da segunda narrativa:

“Na minha terra havia um papagaio, que falava muito; tudo quanto ouvia aos Índios no campo, arremedava nas arvores; presumido de palreiro desprezava os outros do seu género, a uns chamava aves mudas, a outros pássaros pintados; aos outros papagaios dava quinaus, aos piriqitos lição, finalmente ele se fez senhor de todo aquele verde, e remoto distrito”. (*Aves Ilustradas*, p. 89)

Numa ocasião, em que subitamente fora capturado com o resto do bando pelos caçadores, não resistiu à prova de silêncio que haveria de salvar os seus companheiros. Tendo sido oferecidos de presente a uma índia, esperou ela aquela noite para descobrir se algum falaria. Habitado a repetir quanto ouvia, ficou cativo enquanto viveu. A sentença moralizadora finaliza a fábula: “por falar muito, por falar, aonde não havia de falar, perdeu esta ave a liberdade” (*Aves Ilustradas*, p. 90). Do mesmo modo que o papagaio inadvertido fora castigado, também a rodeira deveria ter atenção nas funções delicadas que desempenhava.

O segundo conselho do papagaio alertava sobre a necessária obediência da rodeira à sua superiora, mas, estando de guarda à roda, sobretudo avisava: “Tende muita caridade com os pobres”, logo desenvolvendo e ampliando a matéria doutrinária<sup>7</sup> relativa a esta virtude comparável ao ouro, que nunca perde os quilates e “que mais, ou menos luzido sempre é ouro” (*Aves Ilustradas*, p. 9). A confirmação do tão grande valor da esmola é apresentada pela narração de um caso exemplificativo, passado também em terras da América e recorrendo a um universo narrativo reconhecível como colonial. O papagaio contou a história de um velho espanhol de aspecto amável e vestido humilde que interpelou uma companhia de soldados, que descansavam do seu exercício, perguntando-lhes onde

---

<sup>7</sup> Trata-se da matéria mais importante do discurso, concluindo que “o que dá esmola, é um imitador de Deus, um dispenseiro da sua misericórdia, um coadjutor das suas piedades”, *Aves Ilustradas*, p. 92.

acharia ouro, com que suprisse a grande necessidade e aflição que trazia, tendo uma filha ainda donzela.

Zombando da sua idade cansada e da viagem que fizera, atravessando o Atlântico desde Espanha, e da inocência com que os interpelava, disseram-lhe que “fosse ao pé de tal pedra (...) e debaixo de umas ervinhas, que ali apareciam, acharia o ouro que buscava” (*Aves Ilustradas*, p. 93). Tendo-se afastado, logo à primeira tentativa, o “bom velho” viu que as ervas que arrancava traziam ouro nas raízes: “(...) em breve tempo tirou tanto, que pode encher uns alforghinhos, que levava, e parecendo-lhe que não pedia mais a sua necessidade, que os que não são ambiciosos, contentam-se com o que lhe basta, tornou muito contente para os caçadores” (*Aves Ilustradas*, p. 94). Mas a fonte aurífera depressa se esgotara e de nada serviu aos soldados escavarem com mais profundidade.

A sentença moralizadora não podia faltar: “pagou-se Deus da sua singileza, e da sua fé; era pobre, era bom, e remediou-o com a sua providencia” (*Aves Ilustradas*, 95). A caridade com o bom velho deveria ter começado por uma atenção redobrada com a sua idade, com o seu desespero e com a sua inocência. Não o tendo feito os soldados, compensou-o Deus em todas as suas necessidades. De acordo com o exemplo, também a rodeira deveria providenciar a esmola para o espírito e para o corpo, não fazendo distinção entre necessitados, a todos atendendo com discrição e boa vontade.

Não demorou mais tempo o discurso do papagaio, mais avisado e ilustrado que o comum da sua espécie, resumindo eficazmente as funções da rodeira: “Zelai o vosso officio, servi a vossas irmãs e favorecei aos miseráveis” (*Aves Ilustradas*, 95).

## 5.

Os catorze discursos das *Aves Ilustradas* são um exemplo da estrutura alegórica recorrentemente utilizada pela literatura barroca, sobretudo na sua vertente espiritual e moralizante. O recurso às aves como vozes concretizadoras de um código de conduta conventual situa-se dentro da tradição da fábula, em que a partir de um universo narrativo de sentido literal se institui, por insuficiência e por exiguidade do primeiro sentido, um segundo sentido, de carácter mais amplo, envolvendo códigos de conduta moral ou abstracções de maior ou menor complexidade.

Para além desta questão de teoria narrativa barroca, este episódio do papagaio discreto de Soror Maria do Céu, tão falador como os da sua espécie, mas mais sábio e contido, acaba por ter uma importância significativa em termos de uma literatura barroca luso-brasileira. O discurso moralizador, composto por uma fábula e por uma parábola, que se instituem como metadiegeses, remetem para um universo distante e exótico, onde uma natureza exuberante convive com os indígenas e com o mito do ouro; para um universo exterior de aventura e fantasia, só alcançados pela leitura na vida interior e ritualizada do convento.

Por outro lado, não só as aves são ilustradas, por que sabedoras dos ofícios e da doutrina, também Soror Maria de Céu se manifesta informada de realidades distantes, incorporando-as nas suas narrativas. Sem conhecer de vista os campos auríferos do Brasil ou a realidade das tribos indígenas, as suas histórias fundem da forma possível o aspecto fundamental do ensinamento com o deleite de um conhecimento longínquo e, desde sempre, apelativo e sedutor.

### **Bibliografia:**

- AUGUSTO, Sara, “*Agravos e desagravos da Misericórdia: ficção barroca*”, *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – 1<sup>er</sup> Encuentro de Lusitanistas Españoles*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2000: 315-322.
- AUGUSTO, Sara, “Os desagravos de Floriteia e as história de Gambo e Tupinda”, *Máthesis*, 9, 2000: 85-103.
- CARDIM, Fernão, *Tratados da Terra e da Gente do Brasil*, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- MARIA DE CÉU, Soror, *Agravo e desagravo da Misericórdia*, ms. 1412 da Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- MARIA DE CÉU, Soror, *Aves Ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios dos seus Mosteiros*, Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1734.
- MARIA DE CÉU, Soror, *Obras Varias e Admiráveis*, Lisboa Ocidental, por João Rodrigues de Carvalho, 1735.